ALECTOREA.

Alectorea,

POEMA SOBRE AS GALLINHAS,

EM QUATRO CANTOS

POR

JOSÈ BAPTISTA DE MIRANDA E LIMA.

MACAO:

Na Typographia Feliciana de F. F. da Cruz.

1838.

Un lecteur sage fuit un vain amusement,
Et veut mettre à profit son divertissement.

BOILEAU, Art. Poet. 4. 89.

Fóge de vão prazêr leitôr de tíno,
Quér colhêr do recreyo bôm ensino.

PROLOGO.

Muitos são os Authores, que em próza têm escripto das gallinhas; Aristóteles, Columéla, Plinio, Dioscórides, Laguna, e mais de trinta outros chegarão ao meu conhecimento. Mas tendo havido hum grande número de Poëmas didácticos, desd'o de Hesíodo athé o de Mouzinho d'Albuquérque, sôbre a Agricultura, os gados, as abelhas, os jardins, e outros objéctos; não me cõnsta de hum só, que hája cantado as áves. Terão éllas menór merecimento? Oxalá que hum Macedo, ou hum DeLille empregassem os seus pléctros em cantá-las! Eu o fizéra, se soubésse pulsar a lyra cômo elles. Comtudo o *Audenteis fortuna juvat* de Virgilio mettendo-me nas mãos a cythara, principiei a obra. Mas préstes ví, que os meus accentos, ou havíão de contêr pouco mais de huma nomenclatura inutil das conhecidas, ou enchêr outros cêm cantos, cômo o prolixo Orlando de Ariósto. Desistí por isso de cantar as áves

tôdas; e olhando só para as caseiras, escolhí d'entre éllas a gallinha, por sêr a mais prestada. Mas cômo *Scribendi rectè sapere est principium, et fons*, lí primeiro quantos Authores púde havêr sôbre a materia, principiando por M. Prudent le Choiselat; e consultei a experiencia, o que me foi mui facil, por não havêr cása em Macao, em que se não criem gallinhas. Provido assim de theoría, e práctica ácerca do meu assumpto, entrei de nôvo a pulsar a lyra do Mantuano, bêm que já transformada em cythara de pínho, desde que se achou entre os meus braços. Comecei a minha Alectoréa; e quando a ví meyada, mostrei-a a cértos amigos, intelligentes da Poesia. A sua approvação moveome a conclui-la, e a dá-la ao prélo. Não anhello ao renome de Cysne; contento-me com o testemunho, que de certo darão da minha Alectoréa os leitores de juizo, de que não sò não abusei dos versos para corrompêr os costumes; mas tambêm, que a minha cythara mistura o proveito com a doçura.

MIRANDA E LIMA.

ALECTOREA.

CANTO PRIMEIRO.

1

A Mantuana lyra harmoniősa,
Que aînda sôa a prõl da Agricultura,
Entro agõra a pulsar, querida Esposa,
Sentado junto a tí nésta espessura;
E vou cantar-te o gallo, e o pôvo alado,
Sôbre o qual elle impéra desvelado.

2

Mas inda que eu á sombra de loureiros
Bebendo da Beŏtica Hyppocrene,
Em vêz d'ésta, que d'entre estes pinheiros
Da rocha fiz brotar lympha perenne,
Com os seus dôces haustos me embriagara,
A ponto, que ao seu Pégaso cantara;

3

Cantasse o grypho, monstro fabulado,
Aguia-leão com cauda de serpente,
Por guarda dos thezouros celebrado
Dos frios Scythas contra extranha gente,
Alada fera mais sanguinolenta,
Do que a Lybica Hyena truculenta.

4

Certo ao Rei das serpentes venenosas,
Que mata, e mõrre, dizem, de quebranto,
Não darião suas azas fabulosas
Lugar entre os objectos d'este canto;
Embõra filho o finjão sêr do gallo,
Qual de Medusa o alígero cavallo.

5

¿ Dos numes vãos a sórdida manada
A prõl do canto meu invõco agõra ?
Servil imitação ! Que podem ? Nada
Venus, Dryades, Bacho, Pan, e Flora.
Invoco sim da paz o bafo ameno;
Que os versos nascem de animo sereno.

6

Vêm candida Páz, dadiva Celeste,
De bens manancial inexgotavel,
Tua dextra benefica me preste
Serenidade firme, e interminavel;
Ensine-me a encontrar-te a Pasciencia,
Chamada com razão da Páz sciencia.

7

Nada valem sem tí a mocidade,
Herculea robustez, nem formozura,
Prazeres, e riqueza, e authoridade
Nada valem; sem tí não há ventura.
Teu bafo pois auxilio me preste:
Vêm, candida Páz, dádiva celeste.

8

Deleita mũito ao gallo, e companheiras
A visita do Sól matutinal:
Construão-se-lhes pois mansões fronteiras
Ao oriente rozeo brumal;
A fim de que entre o Sól a dár bons dias,
Apenas surja nas manhãs tardías.

9

N'huma sala, e dous quartos se divida
D'este rebanho alígero o viveiro.
N'aquêlla durmão, que será comprida;
Servindo hum d'estes para o seu ninheiro:
E se fôr o segundo enfermaría,
Toda a vivenda sêr-lhes-há sadía.

10

Cancélla sêja do viveiro a frente;
Pois doninha não têmos, nem rapoza;
Mas se o fécha parede totalmente,
Desque do Sól se móstra a lúz formóza,
Entrada pelas pórtas dê-se ao vento,
Para bêm se arejar o alojamento.

11

Têm-se por chão mais util o argilloso,
Porque muito lhes práz o enlodar-se;
Que o lôdo, e pó lhes hé tão proveitoso,
Quanto ao felpudo cão présta o lavar-se;
De grêda, ou pó cobértas põe-se ao Sól,
E se expurgão, quál ouro no chrysol.

12

Eis porque symboliza este animal
A quem contempla a mõrte humildemente
Pois quanto mais na térra original,
No derradeiro pó revõlve a mente,
Sotopondo-se á lũz do Sõl Divino,
Mais se tõrna o seu peito crystalino.

13

Dórmem as gallinhas sôbre os pés firmadas,
Sem que empunhem co'as plantas seus poleiros
Haja pois ligneas pérchas collocadas
Gradualmente ao longo dos viveiros,
Que dormitórios aptos lhes serão,
Tendo a inferiôr trez palmos sôbre o chão

14

Na sua alcova d'hum, e d'outro lado
Cómmodos cestos achem para ninhos,
Cheyos de feno mõlle, e aceado,
Que hé mais sujeita a palha aos vís bichinhos
Que tórnão as gallinhas macilentas,
Fraquissimas, estereis, rabugentas.

15

Tenhão tambêm jardim, mas não damnado
Com Venus rodeada de jasmins,
Que sò apráz a peito depravado :
Tão pouco de quaifás, e mogorins ;
Mas de arruda, e fecundas amoreiras,
E nunca nelle faltem as leiteiras.

16

Cave-se o sõlo espaço sufficiente,
Onde possão de dia revolver-se :
Torne a cava sem falta mensálmente,
Que em terra dura as unhas vão perder-se.
De quinze palmos basta, que hum quadrado
Se tenha para vinte preparado.

17

Eis a casa já prompta, e mobiliada ;
Vamos provê-la pois de moradoras,
A tua economía, Espoza amada,
Com que tanto este peito me penhoras,
Certo prefere as fortes, e fecundas ;
Não as mais exquisitas, mais jucundas.

18

Não portanto as gallinhas da Turquía,
Vestidas de lindissima plumagem,
Tão pouco as de Pekim, minha Lovía,
Que na belleza lévão-lhes vantagem;
Nêm as brancas vellôzas do Japão,
As pernaltas da frígida Albião.

19

Sim a ráça vulgar, por mais fecunda,
E das means de frente levantada,
Em que tremule crista rubicunda,
Ou de rósa, ou singella, mas deitada,
De vivo olhar, de côllo não comprido,
Com peito largo, e ventre recolhido.

20

As anans dos pennigeros viventes
De prôle gêralmente são privadas;
Porêm as d'ésta grey têm descendentes,
E são athé por isso mui prezadas:
Mas de amas têm seus filhos precisão,
Pois das mãis hê nociva a incubação;

21

De castanha, canélla, ou cravo as côres
Na plumagem se julgão bons signaes ;
Mas, se cremos a Plinio, são melhóres
Pennas negras, e algum dêdo de mais.
Não préstão por cruéis as de esporões,
Que óvos québrão, e iníéstão os covões.

22

Que entre as gallinhas há tambêm machôas,
Ferózes, e brigózas, semelhantes
No seu cantar aos gallos. Não são bôas.
¡ Fóra pois dos poleiros quanto antes !
Produzem pouco, no incubar são más,
Bébem óvos, perturbão muito a páz.

23

Nas louras há menór fecundidade,
Qual nas vestidas só de côr nevada :
Mas são lindas, e só pela beldade,
Hé nos jardins a anémone prezada.
As de topéte alêm da formosura,
Têm mais grato sabôr, e mais gordura.

24

Já vês, qual pôvo déve sêr buscado
Para a nóva colónia, de que trato:
Vê agóra o seu chéfe denodado,
Cûjo caracter nóbre te retrato;
Sêm quêm ficara aquélla plebe sendo
Hum corpo sêm cabeça, monstro horrendo.

25

Hé o gallo, que acórda antes da aurora,
Este pai de familias diligente;
Sacóde as azas, e com vóz canora
Ensina a ensinar efficázmente:
Pois d'aquelle os ensinos são mais cridos,
Que falla aos olhos antes, que aos ouvidos.

26

Com estrondoso canto amiudado
Em fuga mette o somno dos mortaes;
Relogio vivo, hygrometro animado,
Canta as horas, e dá previos signaes,
Se ao pôr do Sol se alverga, de seccura,
E se mais tarde, chuva te assegura.

27

Imperio no terreno, que lhe cábe
Exérce paternal, benigno, e brando;
Mas rival no podêr soffrer não sábe.
¿ Porque os vêmos brigar de quando em quando,
Arriscando-se á mórte ? Hé por victória:
Pois á vida preférem mando, e glória.

28

Vê gallo extranho ? Rompe pressuroso,
Olhos em fôgo, pennas erriçadas,
E dando-lhe hum combate furioso,
Fére-o co'o bico, e o fére ás esporadas,
Do campo a pósse cada hum procura,
E athé que vença, ou morra a briga atura.

29

Mas basta de pintar com que crueza
Se lacêrão na areia mutuamente;
Allégre o vencedôr canta a proeza
Com soberbo epinicio em continente,
E o vencido esconder-se vai calado,
Soffrendo o captiveiro a seu mao grado.

30

Não cucurica mais com ar garboso,
Nem adejando busca alto poleiro;
Mas cabisbaîxo, triste, vergonhoso,
Procura opaca sombra, anda ronceiro,
Seus ólhos perdem a viveza, o fôgo,
Alguns em fim symptomas dão de gôgo.

31

O philanthropo heróe, findo o seu canto,
Nunca da vista perde o pôvo alado.
Véja embora comer, não come, em quanto
Se não vê da familia rodeado:
E, se algum se desvia, sêm tardança
O procura, o conduz, e então descança.

32

Mas seu ciume, tanto impetuoso,
Quanto hé dôce a ternura do seu peito,
Usa abraza-lo em fôgo furioso,
Que ás vêzes não limita o seu effeito
Só no rival, a quem arranca a vida,
Se extende á companheira mais querida.

33

¡ Oxalá, que a fereza, e a fóme de ouro
Não seduzissem corações humanos,
Para do gallo usar, cômo do touro
Usão com seu labéo póvos Hispanos!
¿ Não se aviltão os entes racionaes,
Que assistem com prazer a jógos taes?

34

Nós em quanto a cubiça, e a crueldade,
Que impérão nos seus peitos corrompidos,
Para os taes jógos só a qualidade
Procurão de guerreiros destemidos,
A's gallinhas busquemos companheiros,
Que possão bêm reinar nos seus viveiros.

35

Prefére-se o meão de corpo cheyo,
Longa, recta, dentada, e rubra crista,
De collo erguido, de temôr alheyo,
De rostro curvo, e curto, e quanto á vista,
Resplandesção os ólhos inflammados
Nestes pais de familias desvelados.

36

Indicão seu vigôr barbas carnudas,
Tão rubras como a crista, musculosas;
Azas fortes, e coxas bem nervudas,
As pernas grossas, firmes, vigorosas;
As unhas tôdas curvas, e cortantes,
Quaes são as dos açores rapinantes.

37

Armados serem de esporões compridos
Com grandes pés hé bôa qualidade;
Assim como nas cores dos vestidos
Haver nos sexos ambos igualdade;
Qual recommendão muito homens prudentes,
Que tenhão na riqueza os contrahentes.

38

Escolhe o gallo, que ande magestoso,
Que muitas vêzes cante cada dia,
De clara vóz, cantar tão estrondoso,
Que ao rei das feras tire a valentia;
Tenha por quitasol cauda enroscada,
Que traga sobre o dorso levantada.

39

E qnal no collo do leão forçoso
Ondeya juba loura, e rutilante,
Tal da cerviz do gallo magestoso
Densa, firme, sublime, e arrogante
Desça com garbo igual, ou com vantagem,
De furtacores nitida plumagem.

40

Quanto aos costumes quer-se o cuidadoso
Em extrahir do chão vital comida,
Que á familia presente carinhoso,
Chamando-a prestes, quando desunida;
Em defende-la sêja vivo, ardente;
E em recolhe-la a tempo diligente.

41

Hum gallo biennal tenha a seu mando
Gallinhas cinco vêzes triplicadas:
E em cada trinta gallos dominando
Hum só pastor, serão mui bem tratadas,
Se ouve bem, falla pouco, anda ligeiro,
Contente vive só co'o seu dinheiro.

42

Dê-lhes almoço, quando chegue o dia,
Soltando-as prompto para ameno prado;
Limpe logo o curral, refresque a pia;
E examinando os ninhos com cuidado,
Os frescos ovos, hum a hum a tento
Recolha em palha, e os conserve ao vento.

43

D'esta arte multiplica-se a postura
Que ao dobro chega, e a muito mais talvez,
Dos ovos, que guiada por Natura
A mãi quer incubar de cada vêz:
Porque este numero no ninho achando,
Incuba logo, de mais pôr cessando.

44

Co'os bicos para cima collocados
Sendo todos, cobertos de palhinha,
Contra o calor, e o frio demaziados
(Costuma a demazia ser damninha)
D'huma a outra estação ficão recentes
Das gallinhas os candidos presentes.

45

Quando á luz vem os ovos apparece,
O extremo orbicular primeiramente,
E a casca ainda molle se endurece,
Assim que chega ao ar em continente;
Se algum nascer não póde por mao geito,
Com sal se toque, e logo vem direito.

46

Finalizado o parto, sem demora
Salta a gallinha fóra do apozento;
Bate as azas, e sua vóz sonora
Publica allegre o novo nascimento;
Acode seu consorte pressuroso,
E cantão hum dueto harmonioso.

47

Mas lá vejo assomar no alto do monte
O nosso Alom, que vem pastoreando
As vaccas, que a beber conduz á fonte,
Onde a ruiva, e o malhado vão chegando:
Tiremo-lo, se queres, de vaqueiro,
Para cuidar do nosso gallinheiro.

48

Feno limpo nos cestos não falleça,
Que o de oito dias deve ser trocado;
E apenas a descer o Sol começa,
Vozêe—*pila pila*—accelerado,
Que a vozes taes acode a turba alada,
Como a toque de caixa a gente armada.

49

Parece-me, Lovia, que estou vendo
Nosso gado pennigero adejando
Prestes chegar, e os collos extendendo,
Ao serio Alom contentes rodeando,
Co'as cabeças voltadas de tal geito,
Que os olhos seus para elle olhem direito.

50

De nélle então, ou d'outros cereaes,
Borrife hum selamim para sessenta,
Guardando-as do bando de pardaes,
Que á custa das gallinhas se alimenta:
O arroz cozido engorda, e as faz jucundas;
São porem as mui gordas infecundas.

51

Mas se gordura nimia esteriliza,
Hé mais nocivo o excesso na magreza;
Por isso o gallinheiro economiza,
Se não tem co'as gallinhas avareza:—
Certo produzem trinta bem nutridas
Mais fructo, que sessenta mal providas.

52

Mas embora lhes falte ésta ração,
Quando hajão tido almoço dupplicado;
Pois só d'ésta comida há precisão,
Indo logo a pastar, soltas n'hum prado
Insectos, e sementes todo o dia,
Athé que as leve á casa a noute fria.

53

Hontem não viste a nossa Siameza
Voar sobre amoreira carregada,
Cuja sombra servia de defeza
Contra o activo Sol á prole alada?
Salta, sacode a fruta a mais madura,
Correm os pintos, comem com fartura.

54

O homem de cem olhos sem falencia
Visite este seu gado cada dia,
Certo, que os olhos seus mais diligencia
Influem pela grei, em quem as cria:
Os olhos seus lhe hão de dar fartura,
Co'os olhos a defende, alimpa, e cura.

55

Mas visitas de extranhos não admittas,
Porque costumão ser mui perigosas:
Nem facilmente o seu pastor dimittas
Por outro novo, que éllas de medrozas,
De novas caras fogem, e espantadas,
Vão pôr nos matos, deixão as ninhadas.

56

D'éstas provêm, que o timido rebanho,
Que vou cantando, em numero se augmente.
D'éstas obtêm os domnos grande ganho
Se não falta desvelo providente;
D'éstas pois não careça o teu viveiro,
Nem no algente solsticio derradeiro.

57

Que diga da Natura o historiador,
Cujo nativo berço foi Verona,
Que nos mêzes brumaes não pódem pôr
As gallinhas. Assim o menciona;
Pois no Inverno he nimbosa, e enregelada
A plaga sua, bem que temperada.

58

Mas a nossa, que chama inhabitavel
O cysne de Sulmona por ardente,
Goza bruma fructifera, e tratavel,
Logra Estío benéfico, e excellente:
Porque chuvosos Austros com frequencia
Nos dá na quadra quente a Providencia.

59

E athé que o Sol se aparte do Frecheiro,
Não cede o campo o Outomno almo, e sereno
Ao secco Inverno, que entra mui ronceiro;
E apenas toma a posse do terreno,
Dá-se pressa a entrega-lo á Primavera,
Que pelo alto Carneiro não espera.

60

Eis porque, ó cantor do illustre Gama,
Parnaso achaste aqui no fim da China,
Que accendendo em teu peito a etherea chama
Teu nome, tua Musa peregrina,
Tua clara trombeta altisonante,
Do tempo omnivoraz fez triumphante.

61

¿ Onde, senão na triste soledade
Do monte de Patane, teu Parnaso,
Gemer ouvindo rolas com saudade
D'entre opacos bambuaes, o triste caso
Tu carpiste *da misera, e mesquinha,*
Que depois de ser morta, foi rainha?

62

¿ Não forão os penhascos arrogantes,
Que esse monte povoão, enredados
Com grossas, duras fibras vegetantes,
Por furibundas ondas attacados,
D'onde copiaste o enorme Adamastor,
De catadura tal, que mette horror?

63

¿ Não foi na tua gruta deliciosa,
D'onde podias ver cada momento
Despedidas de nautas, que a saudosa
Pintaste do preclaro ajuntamento,
Que de Lysia partirão denodados
A *mares nunca d'antes navegados*?

64

¿ Mas a onde te elevas, phantasia ?
¿ Queres-te ver, qual Icaro attrevido,
Que foi por temeraria ouzadia
De se fiar nas azas submergido ?
Não te compete vôo tão altivo:
Desce: fecha-as: nada de excessivo!

FIM DO CANTO PRIMEIRO.

ALECTOREA.

CANTO SEGUNDO.

1

Sentemo-nos, amavel Companheira,
Sôbre ésta relva nitida, e mimosa,
A' sombra d'ésta amena lechieira,
Que os seus ramos vergando generosa,
Seus pômos nos offerta deliciosos,
Cordiformes, saudaveis, e cheirosos.

2

Esta rocha de verde musgo ornada
Nos sirva de espaldar; que a calma ardente
Fica lá fora, aqui lhe veda a entrada
Zephyro, que bafeja suavemente,
E os aromas nos tráz dos camonins,
Mutres, pandões, champés, e mogorins.

3

D'aqui a nossa vista se recreya,
Aquēlla arvore vendo matizada;
A fresca vargea, que allegre ondeya,
De espigas inda tenras coroada,
E o crystalino, e placido ribeiro,
Que serpeja por baixo do jambeiro.

4

Aqui, Lovia, em quanto os passarinhos
Recreyão as consortes desveladas,
Doces trinando em frente dos seus ninhos,
Cantar-te-hei dos pintos as ninhadas.
Ouve pois em harmonicos accentos
Seus berços, suas amas, e alimentos.

5

Quando cessa dos ovos a postura,
De continuo a gallinha carcareja
Com vōz mais baixa, que sōmente dura,
Thé que tempo de novo parto sêja;
E se os ovos não acha, que tem posto,
Incuba outros quaesquér co'o mesmo gosto.

6

Eis quando, se élla hé mansa, e vigorosa,
Se ao menos duas vêzes tem soffrido
Do ardente Agosto a calma sequiosa,
E de Janeiro o frio entorpecido,
Do seu prestimo déves lançar mão,
Para o pôvo augmentares do covão.

7

Seus pés brandos ao tacto, e a crista liza
Julgão signaes de incauta mocidade;
Mas a Genlis, que assim caracteriza
As gallinhas na flôr da sua idade,
Contradiz cuidadosa experiencia,
Filha do tempo, méstra da prudencia.

8

Esta ensina aos attentos gallinheiros,
Que apenas a vestir-se principião
Os braços inda nús dos pessegueiros
De encarnadas boninas, noticião
A chegada dos mais felizes dias
Para o começo das melhores crias.

9

Espera então, que a Lua no Oriente
Surja, depois que o Sól nos traga o dia,
E se banhe no mar posteriormente
A' chegada da noite escura, e fria,
Porque o choco mais cedo começado
Em qualquér mêz costuma sêr frustrado.

10

Mas, se fóra do tempo appropriado
Vês, que gallinha incubação procura,
Talvêz antes do numero ter dado
Dos óvos da monção, subtil lhe fura
Os narizes com penna de tal arte,
Que as pontas mostre d'uma, e d'outra parte.

11

D'este geito, ou banhada em agoa fria,
Deixa a poltrona o leito, e torna a pôr,
Sem que para isso a tênhão noite, e dia,
Tal cômo em Flandres (di-lo hum escriptor)
Sem comer, nem beber, preza n'hum côvo,
Dentro do qual não acha nenhum óvo.

12

Bem sabes, que das aves não caseiras
Os machos para os ninhos promptificão
As achegas; que ás dôces companheiras
Prestando auxilio, juntos nidificão,
E athé que venha á lúz a sua gente,
Ambos incubão alternadamente.

13

Que o pai, e a mãi dividem os cuidados
Pelas prendas do seu amôr pudico,
Dos quaes são vivamente affeiçoados:
Revezando-se, trazem-lhes no bico
Saboroso, e saudavel alimento,
De que nunca lhes falta provimento.

14

Mas não assim o gallo, hé a gallinha,
Que apenas ninho tosco, e mui grosseiro
Tem preparado, e muito mal sózinha,
Se contenta, e vai dar ao fazendeiro
Huma turba de escravos numerosa,
Que lhes será de certo proveitosa.

15

¿ Não deve pois o domno agradecido
Hum leito preparar-lhe mais mimoso?
Athé mesmo o amor proprio bem regido
O induz a fazer-lho cuidadoso:
Hum cesto custa pouco, o feno nada,
E bastão para haver melhor ninhada.

16

Mas que esta se mallogre, não hé raro,
Se dos ovos não olhão para a idade;
Ou quando falta provido reparo
Se para tantos tem capacidade
Da gallinha a grandeza, e a pequenhez,
Do seu seyo o calor, e a robustez.

17

Que, se huma apenas dez póde incubar,
Outra hé capaz de numero dobrado:
Mas nem a mais robusta ha de tirar
Pintainho de ovo mui guardado:
Deixa pois, porque nada te produz,
O que dous mezes antes veyo á luz.

18

Tambem affirmão, que embrião vivente
Não encerrão os ovos, e apodrecem
Incubados, se á vista diligente
Conter em cima os germes não parecem
No concavo da parte ao bico opposta
De noite á luz co'a dextra sobreposta.

19

Estes por isso com razão separas,
Para serem com sal bom alimento;
De feno molle, e arido preparas
Berço pr'a os germes, cujo nascimento
A's gallinhas dará prole mimoza,
E a ti prazer honesto, amada Espoza.

20

¿ Não deleita ao teu genio brando, e terno
Contemplar n'éstas aves desveladas
Os signaes do engenhoso amor materno,
Quando se achão contentes occupadas
Com os doces objectos da ternura,
De que as dotou a provida natura?

21

Para que a todos dê calor igual,
Alarga hum pouco as azas cuidadosa;
Une-lhes branda o seyo maternal,
Aquece-os co'a plumage'a mais mimosa,
E a hum e hum seu bico diligente
Com frequencia volteya levemente.

22

Ergue-se, torna a erguer-se sobre o ninho,
Dos ovos troca o sitio de tal geito,
Que os centraes poem nas bordas com carinho,
E reune os de fora sob o peito,
E apenas cada dia hum só momento
Se affasta d'elles a buscar sustento.

23

Do amor materno a chamma viva, e pura,
No peito cada vêz mais ateada,
Lhe embebe o coração em tal doçura,
Que d'elle fica toda embriagada
Vinte noutes, e dias continuados,
Prodigando aos filhinhos seus cuidados.

24

Brevemente entretanto dilatada
Em cada gema a perola branquinha,
D'élla no exterior como engastada,
E em vez de nivea já de côr sanguinha,
Começa a palpitar em continente,
Por ser o coração d'hum ser vivente.

25

Meyado o choco, ensina a experiencia,
Que contra a luz os ovos collocados,
Indicão pela sua transparencia,
Que não encerrão germes fecundados:
Estes pois não revertão mais ao ninho,
Porque o seu frio aos outros hé damninho.

26

Os opacos porem restituidos
Sejão logo á gallinha cuidadosa,
Que de os perder se queixa com gemidos,
E encarecida os péde saudosa:
Tornem-lhos pois a dar com grande tento,
Que os fetos mata impulso violento.

27

Ensinão, que tambem se experimenta
Em agoa; porque o ovo esteril nada,
Quando desce o fructifero, e se assenta:
Mas sei, Lovia, Companheira amada,
Que não queres, que assim como os gorados
Se mallogrem os olhos mergulhados.

28

Formado o pinto já, mas inda prezo,
Se o agitas, dá vozes de lamento;
Hé pois move-lo então mui bem defeso:
E se entretanto algum curioso attento
Applica junto ao ninho o seu ouvido,
Dentro dos ovos ouvirá ruido.

29

Este o signal (allegre-se o teu peito)
De cedo se augmentar nosso viveiro;
Pois com arma já prompta para o effeito,
Lida o pinto huma noite, e hum dia inteiro,
Para o carcere seu romper azinha,
Porque o seu nascimento se avizinha.

30

¿ Hás visto a ponta da feroz abada
Na extremidade do horrido focinho
Larga na base, e para tráz voltada?
Pois em ponto pequeno arma o biquinho
Tal instrumento, que lhe deo Natura,
Para solta-lo da prizão escura.

31

Com a pontinha d'este ferro agudo
Trabalha, quanto póde, accelerado;
Excava á roda, e adelgaça tudo
Em cima junto ao tecto abobadado,
A cabeça não tendo já deitada,
Nem co'a dextra das azas escudada.

32

Desenvolve-se em fim o corpo inteiro,
Firma os seus pés, forceja com porfia,
Da prizão rompe a abóbada ligeiro,
Allegre vê a luz, e logo pia.
Mas, se por fraco algum não sahe de pressa,
De abrir-lhe a porta o ayo não se esqueça.

33

E, se no Estio ardente aos vinte dias,
E athé mais sette na estação brumal
Não apparecem inda as novas crias,
Por já se achar o seyo maternal
Sem a força, e calor sufficiente,
Borrife-o com vinho, ou agoardente.

34

N'hum cesto sobre estopa perfumada
Co'o cheiroso alecrim deve alojar
Em continente a mãi, e a prole alada,
Que pouco a pouco se costuma ao ar.
E, se restarem ovos não rachados,
Devem logo do ninho ser tirados.

35

Recemnascido, nada come o pinto;
E de calor sómente se sustenta;
A Natura por isso tal instincto
Deo a mãi desvelada, que o fomenta,
Thé que o molle frouxel, de que hé vestido,
A humidade, que tinha haja perdido.

36

Saõ por isso miserrimos, coitados,
Os que em estufas nascem cá na China,
Ou d'outra arte qualquer naõ incubados,
Como do Egypto a historia nos ensina:
Do maternal calor destituidos,
Apenas vingaõ dez de cem nascidos.

37

Lembra-me agora Macaense Donna,
Amiga tua, digna de respeito,
Que sem saber de Livia Matrona,
Nem da joven de Barre, de tal geito
No proprio seyo hum ovo fomentou,
Athé que tenro pinto alfim tirou.

38

Mas no dia seguinte ao nascimento,
Bem sabes, que em Macao arrôz pilado
Com açafrão da China hé o sustento
A' prole gallinacea appropriado,
Tirando-se primeiro o callozinho,
Que a extremidade cobre do biquinho.

39

Aos quatro dias tirem-se do leito,
Deixem a fina estopa do ninheiro,
E se alogem n'hum covo de tal geito,
Que o logar tenha tecto sobranceiro,
E que sahião, e entrem a seu grado,
Mas á mãi o sahir seja vedado.

40

Porque pódem assim habituar-se
Ao ar patente, e logo que precisem,
No seyo maternal vir aquentar-se:
Que da arte de os criar os mestres dizem,
Que lhes não basta o seu frouxel mimoso,
Para os livrar do frio pernicioso.

41

Farelos fervem, ou cevada, ou trigo
N'outros paises para o seu sustento;
Mas, se com estes grãos eu não consigo
Ver as minhas ninhadas com alento,
Migalhas dar-lhes-hei de pão molhado
Ora em vinho, ora em leite coalhado.

42

Avezados ao ar os pintainhos,
Vagueem com a mãi, que n'este ensejo
Esgravatando encontra insectósinhos,
Que lhes mostra dobrando o carcarejo.
Então brinquem ao Sol, não sendo ardente,
E se lhes dê bebida mui frequente.

43

Que elles engordão mais, são mais gostosos,
Quando trabalhão o comer buscando:
Ora sus! acordai, homens occiosos;
Apprendei a manter-vos trabalhando;
Suor do rosto custe o vosso pão;
¿ Não sabeis que sentença teve Adão?

44

Mas vejo que dos prados a verdura
Ja cobre a sombra, que dos montes desce,
E as aves se despedem com ternura
Do Sol, que ora se esconde, ora apparece;
E seus louros cabellos espargindo,
Para o novo hemispherio vai partindo.

45

Prestes pois larga o campo á noite escura,
E antes que élla d'aqui nos affugente,
De perigos enchendo ésta espessura,
Inda hum pouco ésta prole adolescente,
E da mãi, quando a cria, o amor, e arte
Hé dever d'este canto o retratar-te.

46

Das azas, e da cauda aos oito dias
Desd'a nascença d'ésta grei alada
Já tem brotado as inda tenras guias:
Manso e manso ao depois vestida, e ornada
Se vai mostrando na cabeça, e peito;
O corpo inteiro emfim se adorna a eito.

47

Então já pela crista prominente
Se vão os gallosinhos distinguindo
Do sexo feminil da sua gente;
Ou dos ovos mais longos tenhão vindo,
Se ao douto Columela se acredita,
Ou não, segundo o sabio Stagirita.

48

Mas só depois, que a Lua tenhã dado
A circular carreira vez e meya,
E aos nossos olhos huma só mostrado
A nivea, e bella face toda cheya,
Hé que o frango se mostra na pastagem
Todo ornado de nitida plumagem.

49

Meyo emplumado o pinto, usão tostar
As pontinhas das azas levemente,
Quando Phebe co'o Sol surge do mar,
E ambos juntos se escondem no poente;
D'ésta arte na saude dão-lhe augmento;
D'ésta arte se lhe appressa o crescimento.

50

Este hé menor no polho, que apparece,
Depois que em Cancro o Sol se mostra quedo:
Quanto mais tarde nasce, menos cresce;
Mayor hé tanto, quanto vem mais cedo.
Meyo crescido, deixa a mãi querida,
E hum a hum vai só buscar a vida.

51

¡ Que linda scena em tanto, que pasmosa
Sohem dar a ternura, e os carinhos
D'ésta mãi desvellada, e affectuosa,
Cercada dos seus tenros pintainhos !
¡ Que doce imagem, càndida Lovia,
Ella imprime na humana phantasia !

52

Se quando está no ninho collocada,
Designa a paciencia inalteravel
Da matrona caseira, e governada ;
Do amor materno faz d'ésta ave amavel
Emblema muito mais appropriado
Co'a prole já nascida o seu cuidado.

53

Ora, por conduzi-la, se adianta,
Chamando-a com voz baixa, e repetida ;
Ora se assenta, ora se levanta,
Tudo em prol da progenie querida ;
Na qual emprega, e sempre de bom grado,
Seus passos todos, todo o seu cuidado.

54

Já entreabrindo as azas os abraça,
E co'as plumas mais brandas os aquece:
Já, se querem brincar, não lh'o embaraça,
Mas antes seus joguetes favorece.
Sobre seus hombros brincão os filhinhos,
Picando-lhe a plumagem co'os biquinhos.

55

¿ Dão-lhe o almoço ? Embora tenha fome,
Co'o bico grão a grão lh'o dá primeiro;
E em quanto não se fartão, nada come:
Que o seu quinhão hé sempre o derradeiro.
Não lh'o dão ? Ella o busca pressurosa,
Esgravatando o campo cuidadosa.

56

¿ Acha nymphas, e insectos mui tenrinhos,
Seu manjar saudavel, delicado ?
Divide a massa, dá-lha em bocadinhos,
Tomando para si o refugado;
Nenhum momento d'elles se descuida;
Para elles vive só, de si não cuida.

57

Embora de cançaço, em quanto os cria,
Toda a plumagem erriçada tenha,
Arraste as azas, ande mal sadia,
Traga palor na crista, e a voz rouquenha,
Sempre está prompta a todo o movimento,
Que lhes convenha, ou dê contentamento.

58

¡ Oh quanto mostras, áve desvellada,
Do peito maternal o amor constante!
¿ Mas, quando vês em risco a prole amada,
Não nos dás espectac'lo mais tocante?
¿ Pinta-lo-hei já? Pintara-o sem demora,
Mas fique ésta pintura para outr'ora:

59

Porque o astro diurno desmayado
O campo já cedeo á noute fria;
E do antipoda nosso pharetrado
As plumosas cabeças allumia:
Cede-lho pois tambem a minha lyra,
O canto finaliza, e se retira.

ALECTOREA.

CANTO TERCEIRO.

1

Hum asylo offerece delicioso
Ao meu peito opprimido de cuidados
Este pinhal sombrio mui cheiroso,
E assentos de caruma alcatifados.
Aqui por isso em tua companhia
Tornarei a cantar, doce Lovia.

2

Lyra minha de novo hoje affinada,
Já corremos metade do caminho;
Minha voz dos teus sons auxiliada
Já cantou a gallinha, e o seu ninho;
Cante agora, quaes são seus inimigos;
E de que arte se livrão nos perigos.

3

Começando dos tenros embriões,
Dizem, que a voz os damna do milhano,
E o fragor retumbante dos trovões:
Ninho escondido evita aquelle damno,
E hum prego ferreo nelle collocado
Traz o choco ao successo desejado.

4

Assalta aos pintos já recemnascidos
Vertigem, que tornando a vista escura,
Os faz andar á roda entorpecidos;
Acode-lhes de pressa com a cura,
Mette o doente n'hum concavo alguidar,
E huma pedra por cima ouça rodar.

5

Tambem enfermão, fogem da comida,
Quando brotando vai cauda recente;
Qual menino dos dentes na sahida,
Chora, regeita o peito, cahe doente.
Tirar-se então da mãi, ter mór fartura,
E estar mais quente, e secco hé sua cura.

6

Se lhes cortão as pennas, se entristecem;
Se lhas arrancão, perdem a saude;
Mas peyor pelas pennas adoecem
Quando as mudão na sua juventude:
Tratem-se pois então com mais carinho,
Como se inda estivessem no seu ninho.

7

O morbo, que a gallinha mais padece,
Hé a pevide, branca pellezinha,
Que a rubicunda lingua lhe endurece,
Vestindo-lh'a por baixo, e na pontinha.
Nada come, nem bebe a triste doente
D'este mal, que no Outomno hé mais frequente.

8

Da carencia de lympha fresca, e pura
Vem-lhe a pituita, donde o mal procede;
E extrahida a pellicula, se cura
Com saliva; porem se lhe não cede,
Unte-se a lingua, e o bico logo, e já
Com vinagre, ou azeite, e cederá.

9

A's gallinhas tambem usa attacar
O catharrho, que acaba em ophtalmia;
E procede do frio, ou do luar,
Que da humidade hé mãi a Lua fria.
Azas de rojo, crista denegrida
Fazem esta molestia conhecida.

10

Por isso das gallinhas a hygiena
Agoa tibia no inverno lhes prescreve;
Mas já doente, os narizes c'huma penna
O gallinheiro atravessar-lhe deve,
Que d'esta arte ao fluxão se dá sahida,
E se cura a enferma dolorida.

11

De ambos os males hé tambem mézinha
(E lhes dê por dieta o gallinheiro)
Alho de ingrato cheiro com farinha:
E com fumo de folhas de loureiro
Perfumar as enfermas nos ensina
Varão douto na rustica doutrina.

12

Se o cysne, de quem Mantua se glorîa,
A cantar dos estrumes não descesse,
Lugar neste meu canto eu não daria
Ao morbo, que as gallinhas emmagrece,
Quando estrumão de mais, por ter usado
De alimento esquentante, e mui myrrhado.

13

Nem do tumor, que lá na extremidade
Do pennigero escorpion lhes rebenta;
Julgara inda mayor indignidade
Tratar aqui de quando se presenta
A' vista sua via posterior,
Porque indigno parece d'hum cantor.

14

¿ Mas como hei de ensinar, que esta doença
Com cinza quente prestes hé curada,
Como a primeira ficará suspensa,
Comendo gema de ovo esmigalhada,
E a do escorpion, furando-se a borbulha
Co'agudo alfinete, ou com agulha ?

15

Molestia mais nociva ellas padecem,
Que commum hé a todos os mortaes;
Quando as unhas engrossão, muito crescem,
Dão nesta grei certissimos signaes
D'esta funebre doença, irremediavel,
Precursora da morte inexoravel.

16

E alem d'estes indicios peculiares
Tem mais géraes symptomas este mal,
Que não provem da corrupção dos ares,
Vem sómente da vida do animal:
O sangue gella, cega, e ensurdece,
Os membros faz tremer, e os entorpece.

17

Desculpa-me outra vez, subtil Marão,
Pois dos symptomas, que este morbo indicão
Na grei alada, tomo occasião
Para cantar aquelles, que publicão
No homem esta triste enfermidade,
Que de males lhe causa infinidade.

18

Tira-lhe o somno, pella-lhe a cabeça,
Rastreya os pés, e quatro passos dados,
Assusta-se, pois sente, que tropeça,
Tremendo-lhe os joelhos affracados;
Acurvado se arrima a hum bordão,
Mas languido resvala, e cahe no chão.

19

Perde a memoria, faz-se delirante,
O bafo puxa dos pulmoens anciado;
Tivesse o doente o mais gentil semblante,
Faz-se ſeyo cadaver animado.
Eis d'este mal, que mata sem fallencia
Alguns signaes, que mostra a experiencia.

20

E a todos estes damnos inda accresce,
Que não sendo esta doença contagiosa,
Todos fogem d'aquelle, que a padece
Com dureza execranda, e horrorosa:
Todos o desamparão cruelmente,
Inda mais, fazem mofa do doente.

21

Mas sendo tão fatal enfermidade,
De todos os mortacs hé desejada,
Como se fôra grãa felicidade;
E suspirão por têla prolongada.
¿ Pois quem há, que não queira ser annoso,
Bem que o se-lo lhe seja tão penoso ?

22

D'este achaque preserva, e hé curativo
Sómente o mayor mal dos naturaes:
Mas lançar mão de tal preservativo
Hé loucura, hé vileza, e muito mais.
Eis que regimen muito o allivia,
Mayor mimo, mais paz, mais allegria.

23

Bem como, se do gallo alguem procura
A Hygiena apprender com brevidade,
Ei-la aqui, lhe dirás, calor, fartura,
Muita limpeza, nada de humidade:
E neste verso, e meyo está cifrado
De tê-lo sempre são todo o cuidado.

24

Do gallo, e sua grei ouviste já
Os morbos, seus symptomas, seus motivos;
Sua cura, e dieta; e oxalá,
Que bastem os géraes preservativos.
Agora te direi, que animaes
São os seus adversarios principaes.

25

Se de aceyo o alvergue seu carece,
Infecta-se de ouções, que com crueza,
Exgotando-os de sangue, os enfraquece,
E cobre de mortifera magreza.
Banhos de vinho agoado, de antemão
Com cominhos fervido, os curarão.

26

A's vezes quando os pintos vagueando
Circulão sua mãi sobre a verdura;
Ledos pião, mui placidos gozando
Os bens, de que os provê sagaz natura,
O milhano feroz, e carniceiro
Se equilibra nas azas sobranceiro.

27

Com disfarce procura insidioso
Arrebatar algum mais descuidado;
O amor materno alarma pressuroso,
E a prole acode ao grito appropriado;
Prestes a mãi as azas lhes extende,
Abriga-os cobrindo, e os defende.

28

¡Mas que cantar suave, e peregrino
Me faz ouvir o Anjo, que me guia!
Hé do Propheta Rei, Cantor Divino,
Que ao homem, que sómente em Deos confia,
Co'as Suas azas, diz, *te ha de abrigar*,
E sob as pennas d'Elle has de esperar.

29

¿Que tens pois a temer, ó peito humano,
Se das azas de Deos o forte muro
Te abriga do infernal atroz milhano?
¿Os pintos tem asylo mais seguro
Na timida gallinha por ventura?
Empolgar-te o inimigo em vão procura!

30

Mas ai! triste d'aquelle, que hum abrigo
Tão seguro não busque promptamente.
Será por certo preza do inimigo,
Qual pinto, que empolgado cruelmente,
Debalde pelos ares vai chorando,
Que o milhafre não tem coração brando.

31

Outro inimigo tem, e mais damnoso;
Hé o rato, que surde de repente,
Gallinhas mata, e foge pressuroso,
(Antes que o veja o gallo diligente)
Subindo com seus ovos sobraçados,
Para os beber nas gretas dos telhados.

32

Mas pelles seccas d'outros penduradas
Enche-o logo de horror, e o affugenta;
E assim como as serpentes enroscadas,
Do alho sentindo o fetido, se ausentão,
Foge o rato da arruda mal cheirosa,
Que aos nossos olhos hé tão proveitosa.

33

Agora minha lyra a voz levanta,
Pois to exige o sogeito deste canto;
Vê que o cantor de Tytiro alto canta,
E tuba faz da tenue gaita em quanto,
As Musas Sycilianas invocando,
Vai a Pollyo, ou a Druso celebrando.

34

Tragedia heroica, bem que dolorosa
Na phantasia tenho bem gravada,
Que em minha meninice, doce Esposa,
Com magoa foi por mim presenciada;
Verás o amor materno triumphando;
Ouvi-la não repugna a peito brando.

35

Sobre mansa gallinha, que incubava,
Huma cobra de muro mui chegado,
Para os ovos sorver, que divizava,
Meyo corpo extendeo negro, manchado.
Irriça as pennas, treme a innocente,
Mas o amor vence o medo em continente.

36

Não foge, porque o vivo amor a prende
Aos seres, que a Natura lhe confia;
Embora arrisque a vida; ella os defende,
E o bico faz ferir com valentia.
Vibra-se em tanto a lingua da inimiga,
E se trava cruenta, e dura briga.

37

Finge ceder a serpe cavillosa,
Somindo-se veloz por greta angusta,
No fundo da espelunca tenebrosa,
Seu covil na parede mui vetusta.
Mas prestes vendo a terna mãi quieta,
Rompe de novo, qual ligeira setta.

38

Sentida logo, assopra furibunda,
Brandindo a lingua, com que leva a morte;
Veneno entorna sua bocca immunda,
Amiudando os botes de tal sorte,
Que na rosada crista finalmente
Os dentes crava a rábida serpente.

39

Mas embora, que o vivo amor não cede;
A gallinha das azas faz trincheira,
E de novo com furia as forças mede
Co'a feroz agressora de maneira,
Que a final com dois golpes (quem diria!),
Faz, que a serpe não veja mais o dia.

40

Cego o reptil atroz, accelerado
Alça o collo de escamas azuladas,
Cede a victoria, foge ensanguentado,
Levando na fugida mais bicadas;
Horrido silva então acceso em ira,
E enche o antro da peste, que respira.

41

A gallinha entretanto claro indica,
Sentir no peito allegres movimentos;
Junta ás prendas do amor tranquilla fica,
A's forças, mui cançadas dando alentos,
E goza da victoria bem contente,
Sem ter perdido hum só da sua gente.

42

Mas do golpe fatal, que recebera
Entra a sentir os lugubres effeitos:
Co'os filhos seus, que amante defendera,
Tenrinhos seres inda não perfeitos,
Arquejando se abraça, o collo estira,
(Que pathetica scena!) e logo espira.

43

Viva o amor maternal! Viva a bravura,
Com que seus doces filhos defendeo!
Tua foi a victoria, affeição pura,
Que a generosa mãi nenhum perdeo
D'aquelles novos entes animados,
Objectos dos seus sedulos cuidados.

44

Choras, Lovia? Vê, que aos orphãosinhos
Prompto se acode: e ama se depara,
Que com elles prodiga taes carinhos,
Quaes sua mãi com ella prodigara:
Calor vital lhes dá do seyo brando,
E os beija a hum e hum de quando em quando.

45

Germes nascentes, que a viver entrais,
Quanto por vossas mãis sois vós amados!
Porem, suave Lovia, quanto mais
A's nossas somos todos obrigados?
Vós o sabeis; pois dentro em vós tres vezes
Novos seres trouxestes nove mezes.

46

Dentro de vós lhes destes brando leito,
Apenas a existir principiarão:
Do sangue, que manava d'esse peito
Tenrinhos embriões se alimentarão.
Não fostes verdadeiro pelicano?
Oh quanto deve á mãi qualquer humano!

FIM DO CANTO TERCEIRO.

ALECTOREA.

CANTO QUARTO.

1

¡ Filha do meu Parnaso, que escondida
Por tenues meatos, peregrina,
Fugias para o mar emmudecida !
Tu, brotando há dous lustros crystalina,
No Estio frigida, e no Inverno quente,
Es a minha Castalia corrente.

2

Pois fará teu canoro murmurinho,
Que influe no peito candida ternura,
Que eu tocando esta cythara de pinho,
Ensine com harmonica doçura,
A quem ouvir meu canto, que proveito
D'esta grei colher possa, e de que geito.

E

3

Qual o coqueiro d'entre os vegetaes
Não sõ dá sombra, e fructo deleitavel;
Mas fornece da India aos naturaes
Nectar refrigerante, e mui saudavel,
Casa, vestido, vinho generoso,
Taças, cordame, e oleo cheiroso.

4

Assim do gallo toda a tribu alada
Entre as aves da vasta redondeza
Hé a mais prestadia aos homens dada
Pelo Provido Author da Natureza.
Bem o sabes, Lovia; mas embora;
Cantar-te prometti; pois canto-o agora.

5

E bem que ao Poeta Estasimo censura
Da Poetica o Mestre Venusino,
Por cantar a Troyana guerra dura
Desd'hum ovo de Leda adulterino,
Dos gallinaceos ovos, bom sustento,
Começar a cantar hé meu intento.

6

Que ovos há, que sejão mais saudaveis?
Que ovos há, que sejão mais gostosos?
Mas inimigos tem innumeraveis;
Tornem-se a culpa a si: pois são damnosos,
Se os fregem, ou se os comem mal assados,
Não sendo antes nas cascas golpeados.

7

Microcosmos aos ovos eu chamara,
Pois a casca exterior hé toda terra;
A gema hé fogo; e agoa fria a clara;
N'hum vacuo em fim, que tem, o ár se encerra.
Temperado hé por isso este conjuncto,
Do meu cantar agora rico assumpto.

8

Os mais alvos, mais frescos, e alongados
São os mais proveitosos, e appreciaveis:
Prefiro sempre os d'estes predicados,
Pois lhes devi, por serem mui saudaveis
Na minha estudiosa juventude
Tornar meu peito fraco a ter saude.

9

Quanto o peito vigorão mal cozidos,
Se adubados com sal os comem quentes?
E as gemadas quão breve a enrouquecidos
Cantores tornão vozes excellentes?
Restringe o ventre o totalmente duro,
E que dá mais vigor, eu te asseguro.

10

A parte aquosa, clara nomeada,
Se alenta pouco, e se digere mal,
Clarifica licores, e hé prezada,
Por ser em alto grão medicinal.
Sem ella, com que pode o pescador
Da sua rede ás malhas dar vigor?

11

De algumas cobras contra a mordedura
Approveita bebida logo crua;
Empollas não levanta a queimadura,
Se ungem prompto com ella a pelle nua;
Aperta, os poros tapa, refrigera,
E repercute o humor, que males gera.

12

E por ser toda em si conglutinosa,
Que especifico há mais efficaz,
Para soldar ferida lastimosa?
¿ Que remedio melhor encontrarás,
Para de sangue os fluxos estancares,
E a inflammação dos olhos mitigares?

13

Os antigos paineis ella defende
Contra o tempo voraz, e aviva as cores:
He o verniz dos livreiros, e lhes prende
Aos livros seus o ouro em lettras, flores:
Com cal (tamanha tem força adstringente!)
Marmores solda, e vidros tenazmente.

14

Sorve-la tibia Laguna ensina,
Se mordica a bexiga acrimonia:
Dos polmoens na aspereza he medecina;
E se no peito cahe pituita fria:
Cura as chagas dos rins, de sangue o esputo,
Que á morte faz pagar tanto tributo.

15

Se sobre os olhos teus fluxão destilla,
Hão de a clara, e o incenso misturados,
E sobre a frente postos, reprimi-la.
Mas, se já estiverem inflammados,
Embebe-a em lãa com vinho de mixtura,
E este collyrio basta para a cura.

16

Mas a gema hé a parte principal;
Digere-se melhor, hé mais sadia,
E de remedios ricco manancial;
Do corpo doente as dores allivia;
Nas ulceras resolve, e hé digestiva;
Mantem muito, vigora, e hé nutritiva.

17

Se vês, que a dor dos olhos atormenta
A quem queira por ti ser medicada,
Mixtura prestes contra a dor violenta
Com oleo rosado a gema assada,
Junta-lhe a flor coricia auricomante,
E dá-lhe este collyrio mitigante.

18

Dos labios, e das mãos a fendedura,
A aspereza da cute, a dor de ouvidos,
A impigem, que faz nojo, a queimadura,
E males taes, que chamão por gemidos,
Cedem prestes ao oleo, que se esprema
Da bem assada, e endurecida gema.

19

Bolos aos centos, doces aos milhares
Saborosos, jucundos, saudaveis,
Cem pratos outros de vitaes manjares,
Diversos entre si, muito agradaveis,
Sem taes ovos haver, não haveria ;
Canta-los pois aqui bem caberia.

20

Mas voa o tempo, a noite se avizinha,
E tenho inda a cantar, em quanto hé dia,
O caldo, a carne, os ossos da gallinha ;
Do gallo o canto, e athé, minha Lovia,
D'elle a baba, e as pennas do rebanho,
De que aos homens provem copioso ganho.

21

Deixemos pois a gema e o seu azeite
Nos golpes da cabeça mui louvado ;
E ouve em resumo só, que o niveo leite,
Que mana de ovo fresco mal assado,
Refresca, he anodino, e humetante,
Mui proveitoso ao peito, e restaurante.

22

Agora te direi, minha Lovia,
De que arte poderás fazer voar
Hum ovo posto ao sol ao meyo dia ;
Quaes de noite haverás visto no ar
Para as nuvens subir balões aéreos
E confundir-se com os signaes sydereos.

23

Tu, que costumas ver á bella Aurora
O horizonte pintar com vivas cores ;
Desce então ao jardim, e sem demora
Das folhas, e das petalas das flores
Colhe as gotas de orvalho crystallino
N'hum limpo vaso ; e faze, o que te ensino.

24

Fura a casca d'hum ovo subtilmente
Na sua mais aguda extremidade;
Tira-lhe a gema, e a clara totalmente,
Enche-o do rocio, e assim com brevidade
Põe-no aos ardentes radios solares,
Vê-lo-has elevar-se pelos ares.

25

¡Oh se o meu peito a contrição rompendo,
O exhaurisse de quanto á terra o prenda,
E de lagrymas cheyo as vá vertendo,
Porque o calor celeste mais o accenda!
Certo acima dos astros eu subira,
Eterno, e Summo Bem, e a vós me unira!

36

Cythara minha, o porto vás ferrando,
Vê, não encalhes; pois há tambem havido
Naufragio athé na barra miserando,
Depois de largo mar se haver corrido.
Mas, se não tens o vento favoravel,
A maré faz-te a barra navegavel.

27

Adiante pois; cantai, quanto conforta
O caldo de gallinha. Hei visto gente
Exgotada de forças, quasi morta,
Apenas hum beber, e brevemente
Vigorada sentir-se de tal geito,
Que conversava, e erguia-se no leito.

28

Nagicio, que aos pés da mãi primeiro
Nas margens do Zambeze vira o dia,
E que já no seu evo derradeiro,
Da casa agora tua era vigia,
Sentio que huma janella se arrombava,
Quando a noite a cahir já começava.

29

Sem estrondo abre a porta, sahe á rua,
Da sua intrepidez sómente armado;
Algum clarão, que dava ainda a Lua,
Faz-lhe entrever em pé homem parado:
Pelas costas o abraça de repente,
"Ladrão, ladrão!" gritando em continente.

30

Relucta este debalde por soltura,
Que estão os braços seus ambos ligados:
Mas occorre-lhe alfim, que na cintura
Navalha traz, co'os dedos appressados
Puxa por ella, e abre, e vai cortando
Hum pulso do Africano miserando.

31

Rebenta em borbotões sangue innocente
Do velho, que a gritar continuava;
Mas longe de affrouxar mais fortemente
Ao Chinez entre os braços apertava,
Accode Victorino, seu amigo,
Que hum varapao comprido traz com sigo.

32

Prompto o vibra o inimigo procurando,
E dá com *babaré* mortal pancada:
Mas de somno, ou de medo o golpe errando,
Rompe a testa do charo camarada.
D'este golpe Nagicio atordoado,
Cahe de costas, já quasi desangrado.

33

Acórdo, salto, accudo diligente
Ao continuo clamor de Victorino;
Abrem-se as portas, corre toda a gente,
Quem cõ luz, quem cõ pao, e alguns sem tino
Chego á rua. . . . ., mas ai! "Morreo Nagicio!
"Já morreo!" diz chorando o seu patricio.

34

"Nagicio vive" grito em continente;
"Não temas, meu Nagicio," e isto dizendo,
Co'a dextra a rubra, e fervida corrente
Do sangue das arterias suspendo:
Mas a mudez, e os olhos já vidrados
Dizem, que estão seus dias acabados.

35

"Vivo está," continuo, "já para a cama,
"Ajudem-me a levar este coitado;
"Corre tu, Victorino, corre, chama,
"A qualquer cirurgião exp'rimentado;
"Tragão pannos, e o balsamo Maria:
"Tu não morres, Nagicio, confia."

36

Chega prompto o Esculapio Italiano,
Que como tal servira a Buonaparte;
O pulso toma ao misero Africano,
E por cura-lo empenha o engenho, e arte.
"De sangue," diz, "lhe resta huma gotinha;
"Já, e já venha hum caldo de gallinha.

37

"Arterias no pulso tem cortadas,
"Hé velho, e o vejo quasi moribundo,
"Mas se dozes de caldo misturadas
"Da vide com o nectar rubicundo
"Quatro vezes beber pode cada hora,
"Em breve tempo certo se vigora."

38

Qual de Melampo o alumno prescrevia,
Mando vir pressuroso a medecina;
Huma colher ao velho athé o dia
De quarto em quarto d'hora se propina
E apenas a primeira está bebida,
Dá o enfermo melhor signal de vida.

39

A luminosa nuncia do dia
Sobindo do horizonte matizado,
Em fuga a triste noute já mettia,
Quando contente me deitei cançado,
Deixando junto ao leito de Nagicio
Hum habil enfermeiro, e ao seu patricio.

40

O somno os meus sentidos já prendia,
Quando gritos me acordão de improvizo,
Deixo prestes o leito (era já dia),
Corro, chego; ¿e com pasmo que divizo?
Tres repuxos do pulso alto sobindo.
De novo os prendo, rapido accudindo.

41

Cahe de costas o misero Africano,
Que assentado athé então alto fallava:
E em quanto vem mais balsamo, mais panno,
Pois quanto alli havia não bastava,
Olho p'ra o chão, e vejo hum monte erguido
De balsamico sangue denegrido.

42

"Certo deixei aqui bons enfermeiros !"
Increpo assim aos dous, que alli deixara :
"Mas venha o restaurante ; andem ligeiros,
"Vejamos se inda a perda se restaura.
"Nagicio. . . . ." Mas nada respondia,
E pelo pulso agonizante o cria.

43

E, em quanto os golpes embalsamo, e ligo,
Chega prompto, e propina-lhe a bebida
O enfermeiro, e me diz : "Não tem perigo,
"Que huma hora sõ depois da tua ida
"Sentou-se com os caldos vigorado,
"E co' o nectar do Douro embriagado.

44

"Mui grande dor, me disse, que sentia
"No pulso pelas fortes ligaduras ;
"E apenas dicto, rapido deslia
"Bem a nosso pezar as ataduras :
"A tal intento, crê, nos oppuzemos ;
"Mas em vão, pois com elle não pudemos."

45

Eu, como sempre ás leis obediente,
A' justiça dou parte do cajão:
Juiz era Lemos, chega promptamente,
E a Gomez traz perito cirurgião:
O qual, feita primeiro a vestoria,
Esta triste sentença pronuncia:

46

"Sem que a mão se lhe corte, não tem cura,
"Eu parto a espera-lo no hospital."
"Cortar-me a mão! Meu amo, por ventura
"Deixas, que o teu escravo soffra tal?
"Como te hei de servir co'a mão cortada?
"Não devo já prestar-te para nada?

47

"Eu morro? Morra embora, mas contente
"De aqui junto aos teus pés findar meus dias!"
Taes palavras do peito solta o doente
(Quanto me enternecerão avalias),
Fóra do leito já sentado estava;
E a prol da mão assim continuava:

48

"Chegou ha pouco (he fama) hum cirurgião
"Mui perito da armada Imperial:
"Curar-me pode, sem que eu perca a mão:
"¿Que venha a ver-me levarás a mal?"
"Venha, meu filho, venha já o China;"
Prompto respondo, "e traga a medicina."

49

Hé procurado, e chega sem demora
Verdinegro Chinez, alto, membrudo,
Da bolsa tira huns pós da cor da amora,
O doente dá-lhe o braço (eu o ajudo),
Desliga-se a atadura mais comprida,
Que o couro, com que Byrsa foi medida.

50

Eis rompe o sangue fervido, espumado,
Lanço a mão....; mas os golpes pulveriza
O physico Chinez accelerado,
E nada mais de sangue se desliza.
Com horror vejo arterias cortadas
Para huma, e outra parte reviradas.

51

"Ata prestes „ lhe digo pressuroso
"Não temas „ me responde com sorriso
O Hyppocrates da China industrioso;
"Ligar de novo os golpes não preciso;
"O velho hade sarar, e a mão doente
"Trabalhar como d'antes, diligente".

52

Do anno huma estação durou a cura,
Mas o velho Nagicio, que por vezes
Vi ás portas bater da sepultura,
Ainda me servio settenta mezes,
E certo nem hum dia mais vivéra,
Se os caldos de gallinha não bebera.

53

Mas já o astro, da noite mensageiro,
Se mostra em vez do Sol lá no poente:
Hé pois mister, que o canto derradeiro
Da Alectoréa finde brevemente:
E, como o gallicinio já cantei,
Mais de pressa este canto acabarei.

F

54

Estas, que vou cantando, aves caseiras,
Escorpiões matando venenosos,
Lagartixas, e aranhas, bem que arteiras,
E outros mil insectos perigosos,
D'estes reptís nos livrão peçonhentos,
Que ellas comem, quaes doces alimentos.

55

Mas nem por isso d'ellas hé nociva
A carne, se a comemos parcamente,
Mas antes corrobora, hé nutritiva,
Util ao peito, e alenta grandememente;
Emfim hé das melhores iguarías,
E das mais saborosas, e sadias.

56

De gallo velho os ossos infundidos
Vinte dias em vinho generoso,
Fazem, que este licor aos exhauridos
De forças dê vigor prodigioso.
Das pennas d'esta grei se enchem mimosos
Leves, quentes colchões, que são custosos.

57

D'hum gallo com a baba fomentada.
A cabeça da nossa tenra Anninha,
D'hum enxame de vespas lacerada,
Há poucos dias viste, quanto azinha
A dor cessou, os golpes se curarão,
E as lagrymas nas mangas se enxugarão

58

Outros fructos porem de mor valia
Colher-se podem d'esta grei alada.
Perde-los-hemos nós? Mas tu, Lovia,
Companheira fiel, esposa amada,
Estes fructos, que são moraes doutrinas,
A nossos filhos a colher ensinas.

59

Qual providente abelha, que assomando
O diurno planeta no horizonte,
Da fabrica do mel parte adejando,
E athé na flor mais vil do arido monte
Branca cera descobre, e ambrosia loura,
E solicita prestes enthezoura;

60

Taes serão elles como allumnos teus;
De individuo qualquer da natureza
Degraos farão para subir a Deos,
Architector da vasta redondeza,
Em cuja posse está toda a ventura
Do homem sua amada creatura.

61

Do insomne gallo, nuncio do dia
Apprendão nossos filhos dilligencia:
Da sua intrepidez a valentía,
Em serviço da patria com prudencia:
Contemple d'elle o amor á sua gente,
Para ser co'a familia clemente.

62

Contemplem nossas filhas a gallinha;
Imitem-na no amor á sua casa,
No manso trato, que usa com a vizinha,
Naquelle affecto, em fim, que as abraza
Do amor materno, que ella symboliza;
No que, Lovia, bem com tigo friza.

63

Nos pintos vejão todos, quanto damno,
Dos olhos allongando-se das mãis,
Lhes vêm das garras do cruel milhano.
Taes doutrinas nos derão nossos pais.
Mas nossos pais eu disse ? que bondade!
Suaves pais!... Ah!... dura saudade!

64

Saudade! tu cresces co'o ballido,
Que ouço da ovelha, ausente o cordeirinho!
Cresces com o piar enternecido
Do solitario longe do seu ninho!
Tambem, Lovia, te enterneces tanto ?
Foge-me o plectro! Finalizo o canto!

NOTAS.

1.—ALECTOREA.

O melhor modelo, que nos deixou a antiguidade para os poemas didacticos são as Georgicas de Virgilio, poema muito superior ao de Hesiodo—As obras, e os dias,—que não obstante constar só de 826 versos, foi anteposto pelos Gregos aos de Homero, por julgarem-no mais util. A Virgilio pois n'aquelle seu poema da Agricultura procurei imitar, logo que tencionei cantar o gallo, e a sua familia. Elle das palavras Gregas *ges ergon*, que querem dizer *obra da terra* formou o nome poetico Georgicon, para assim intitular o seu poema; com a mesma authoridade, e talvez com mais razão, chamo a este meu *Alectoréa*, nome, que derivei das palavras Gregas *Alector*, e *Alectoris*, que significão gallo, e gallinha.

2.—Estancia 1, vers. 4.

Sentado junto a ti nesta espessura.

A scena, que procurei para cantar a minha Alectoréa, hé huma fazenda minha na encosta d'hum monte, voltada para o nascente: na qual, não havendo fonte, nem poço, felizmente, em quanto se cortava rocha, das que povoão bem aquelle monte, para se fazer hum plano, onde eu pertendia fabricar huma casa, brotou nos fins de Novembro 1824, huma fonte no principio muito pobre, mas pouco depois rica, e de excellente agoa. Esta nota faço, por ser necessaria para a intelligencia de varios lugares d'este poemeto, como adiante se verá.

3.—Estancia 2, vers. 2.

Bebendo da Beotica Hippocrene.

Hippocrene hé huma fonte da Beocia na Grecia, dedicada ás Musas, e brota n'hum monte povoado de loureiros: e os Poetas Latinos dizem, que brotou do lugar d'huma patada do cavallo Pegaso; derivando o nome Hippocrene das palavras Gregas *híppou crene*, que significão *de cavallo fonte*. Porem o doutissimo M. Bergier n'huma das suas notas sobrê a Theogonia de Hesiodo, diz: Hippocrene se explicaria mal de *crene híppou*, a fonte do cavallo: e deve-se observar, que *híppos* significa tambem monte, pois Hippos hé hum monte de Bythinia, *Hippocrene* pois póde muito bem traduzir-se *Fonte do monte*, por correr ao pé do monte Helicon. Talvez tambem *híppos* se poz em vez de *hípos*, licor, bebida; d'alli veyo Hippos, rio da Colchida. Então Hippocrene significaria só nascente d'agoa, como Aganippe, que hé outra fonte. Havia tambem huma Hippocrene entre os Trazenianos, segundo Pausanias l. 2, c. 31; por conseguinte os nomes proprios dos montes, dos rios, das fontes erão originariamente nomes appellativos. Tem-se ditto, que o cavallo Pegaso tinha feito nascer a fonte Hippocrene com huma patada; esta fabula hé fundada sobre dous outros equivocos, *Híppos* segundo se acaba de notar, significa hum cavalo, hum monte, e agoa; *pegos*, donde se derivou *Pegasos*, significa gello, e rochedo: da mesma sorte *Pegos* denota lugar ellevado, e gello; por conseguinte *Pegasos Híppos*, que se tem traduzido mal *Cavallo Pegaso*, exprime litteralmente agoa fria,

agoa gellada, ou agoa da rocha. *Pegasis crene*, fonte fria, ou fonte da rocha, e não fonte caballina, como traduzirão os Latinos. Em vez de dizer, que Hippocrene sahia do pé do monte, ou do pé da rocha, se disse, que brotava do pé do Pegaso, que se tomou por hum cavallo.

4.—Estancia 4, vers. 1.

Certo ao Rei das serpentes venenosas.

Fallo aqui do basilisco. Hé verdade haver huma serpente venenosa com este nome, que se deriva do Grego *basileùs* que quer dizer Rei; porque dizem, que tem na cabeça tres como cristas, cingidas de hum circulo branco a modo de coroa; da qual serpente fallão Plinio, e outros gravissimos Authores. Comtudo hé fabula, que o basilisco nasça d'hum ovo posto por hum gallo de mais de sette annos, e chocado por hum sapo, como pensa o vulgo; e por isso o pintão como hum gallo, mas com cauda de serpente, que acaba farpada. Eu tenho d'elle huma pintura assim. Esta serpente, que segundo Solino tem de comprimento coisa de meyo pé, mata com o seu pestifero halito; e muitos crem, que athé com a vista a ponto tal, que morre, se chega a ver a sua cabeça a hum espelho. —8

5.—Estancia 4, vers. 6.

Qual de Medusa o aligero cavallo.

Segundo a Mithologia, de Medusa forçada por Neptuno nasceo Pegaso, cavallo com azas; alguns Poetas fallão d'elle

como nascido da cabeça de Medusa cortada por Perseo Quem quizer saber a origem d'esta fabula, leya ao já citado M. Bergier nas suas notas sobre a Theogonia, que sãa muito interessantes. Convem lembrar, diz elle, que muitos povos chamavão cavallos a embarcações ligeiras; d'onde muitas Mithologos concluirão, que Pegasō, cavallo alado, não era outra coisa mais, que hum navio á vella.

6.—Estancia 15, vers. 4.

Tão pouco de quaifás, e mogorins.

Assim se chamão duas especies de flores mui cheirozas, que temos em Macao. *Quaifá* hé nome Sinico, que significa flor de preço.

7.—Estancia 15, vers. 6.

E nunca nelle faltem as leiteiras.

Leiteira hé huma arvore, que em Macao se cria nos pateos das gallinhas, porque as curão as folhas d'ella, que procurão cuidadosas, quando estão doentes.

8.—Estancia 23, vers. 5.

As de topete, &c.

Estas põe menos ovos, que as outras. M. J. L. B. no seu *Traité des oiseaux de basse-cour* diz, que Mr. Bosc avalia em 54 ovos por anno o producto medio d'huma gallinha ordinaria, e que isto dura athé a sua idade de 5 annos ao mais.

9.—Estancia 33, vers. 3.

Para do gallo usar, como do touro

Para termos a origem do barbaro espectaculo do combate de dous gallos, vamos a remontar a antiguidade; diz Mr. Smith no seu Gabinete do Joven Naturalista.

Themistocles, celebre General Atheniense, marchando contra os Persas, que tinhão invadido a Grecia, e vendo o pouco ardor, que manifestavão os seus soldados, fez, que reparassem no encarniçamento, que os gallos empregavão nos seus combates.—"Contemplai," lhes diz, "a coragem invencivel d'estes animaes; comtudo não tem outro motivo mais, que o amor da gloria, em quanto vós combateis pelos vossos lares, pelas sepulturas de vossos pais, pela vossa liberdade!" —Este pequeno discurso reanimou a coragem enfraquecida do exercito, e Themistocles alcançou a victoria. Em memoria d'este successo, os Athenienses instituirão huma festa, que se celebrava todos os annos por combates de gallos. Ao depois ensinarão aos Romanos esta especie de jogo, e este povo guerreiro foi o primeiro, que o introduzio em Inglaterra. Henrique VIII gostou tanto d'este espectaculo, que mandou fabricar huma casa commoda para isto, e bem que agora o seu uso seja differente, comtudo tem conservado o nome de *Cock-pit*, lugar de combate para os gallos. Na Ilha de Sumatra hé levada tão longe a paixão pelo combate dos gallos, que d'elle se faz antes huma occupação seria, que hum divertimento. Quasi nunca viaja hum homem neste pais sem

levar hum gallo debaixo do braço. Os naturaes d'este país armão huma perna d'estas aves com hum instrumento da figura d'huma cimitarra, de que ellas se servem mui dextramente.

10.—Estancia 41, vers. 1.

Hum gallo biennal, &c.

O vigor do gallo não dura senão tres, ou quatro annos; dê-se-lhe pois então successor, preferindo-se o que em duello vence.

11.—Estancia 43, vers. 1.

D'esta arte multiplica-se a postura.

Tirando-se os ovos dos ninhos, excedem muito o numero dos necessarios para a renovação dos individuos, por isso restão muitos para alimento, &c.

A primeira monção costuma ser de ovos menores, que as seguintes. Para a conservação dos ovos devem defender-se da humidade, e do calor. Aquella, penetrando-lhes as cascas, faz corromper a parte proxima da clara, onde se forma huma nodoa, que logo se vai communicando ao resto, e deita a perder os ovos. E o calor appressa huma fermentação interior, e causa huma evaporação consideravel. Os ovos gorados se conservão mais tempo sem corrupção, mas alguns authores dizem, que não são saudaveis.

12.—Estancia 48, vers. 4.

Vozêe pila, pila accelerado.

Bluteau no seu diccionario diz na palavra *Pola*, que se dá ás gallinhas ás vezes este nome, que parece derivado do Francez *Poule*, que val o mesmo, que gallinha, ou porque quando se chamão as gallinhas, costumão dizer *pola, pola, pola*. Eu julgo, que por corrupção do vocabulo hé, que em Portugal em vez de *pola, pola*, huns chamão as gallinhas, gritando *pila, pila*, outros *pi, pi, pi*.

13.—Estancia 50, vers. 1.

De nêlle então, &c.

Em Macao, e em outras partes do dominio Portuguez se chama *nélle* o arroz com casca.

14.—Estancia 54, vers. 1.

O homem de cem olhos &c.

O homem de cem olhos hé o dono da casa, porque elle costuma ver mais em sua casa, que toda a sua familia, bem que muito numerosa. Assim o chama Phædro na fabula 8a. do livro 2o., onde diz, que hum boi dissera a hum veado escondido no curral :—

. . . . Salvum te cupimus quidem:
Sed ille, qui oculos centum habet, si venerit,
Magno in periculo vita versatur tua.

Que escapasses gostamos certamente;
Mas se vier o homem de cem olhos,
Periga a tua vida grandemente.

15.—Estancia 57, vers. 1.

Que diga da Natura o historiador.

Cayo Plinio Secundo nasceu em Verona, e escreveo trinta e sette livros de historia natural.

16.—Estancia 58, vers. 2.

O cysne de Sulmona, &c.

O Poeta Ovidio natural de Sulmona estava persuadido, que a zona torrida era inhabitavel, e por isso cantando das zonas no I livro das Metamorphoses disse:—

Quæ media est non est habitabilis æstu.

17.—Estancia 60, vers. 1.

Eis porque, ó Cantor do illustre Gama.

He indubitavel, que o nosso Camões foi hum dos primeiros moradores Portuguezes de Macao, e que aqui compoz e

seus Lusiadas, e hé bem celebrada a gruta do seu nome ao norte d'esta cidade, no cume d'hum monte, em cuja aba pedregoza, onde bate o mar, está a aldêa Patane.

18.—Estancia 63, vers. 1.

Queres-te ver, qual Icaro attrevido.

Dedalo, famoso artifice Atheniense, de grande engenho que edificou em Creta o decantado Labyrintho, foi n'elle preso com seu filho Icaro por ordem d'el Rei Minos; mas escapou da prisão, e n'hum navio, cujas velas inventou, fugio para Sardenha; mas seu filho, por não saber governar o navio, em que andava, cahio no mar, e morreo afogado. A subtileza da fugida, e a invenção das velas deo occasião, a que a ficção poetica chamando azas ás velas do navio, cantasse, que Dedalo fugira voando com azas, que havia feito de pennas pegadas com cera; e que voando Icaro mais alto do que devia, derretida a cera pelo calor do Sol cahio no mar.

CANTO II.

19.—Estancia 7, vers. 3.

Mas a Genlis que assim caracteriza.

Madame de Genlis na sua obra Maison Rustique

20.—Estancia 11, vers. 1

Tal como em Flandres (di-lo hum escriptor).

M. J. L. B. no seu Traité des oiseaux de basse-cour.

21.—Estancia 22, vers. 4.

Brevemente, &c.

Mr. Thomas Smith no seu Gabinete do Joven Naturalista diz: Os progressos da incubação da gallinha são curiosos, e interessantes. Cinco, ou seis horas depois de começada a incubação se vê já distinctamente a cabeça do pinto junto ao espinhaço a nadar no licor, cuja bolha, que se acha no centro da pequena cicatriz, está cheya, no fim do primeiro dia já está encurvada, e vai crescendo. Desd'o segundo dia se começão a ver as primeiras delineações das vertebras, que são como globozinhos dispostos de ambos os lados do espinhaço: tambem se vê apparecer o principio das azas, e os vasos umbilicaes, notaveis pela sna côr escura: o pescoço, e o peito se desenvolvem, e a cabeça continua a crescer; nella se vem os primeiros lineamentos dos olhos, e tres bexiguinhas rodeadas, assim como o espinhaço, de membranas transparentes: então se manifesta mais a vida do feto; vê-se já bater o seu coração, e circular o seu sangue.

Ao terceiro dia mais se distingue tudo, porque tudo tem crescido: o mais notavel hé o coração, que pende fóra do peito, e bate tres uezes successivas, huma recebendo pela euricola o

sangue contido nas veyas, outra reenviando-o para as arterias, e a terceira expellindo-o para os vasos umbilicaes; e este movimento continúa ainda vinte e quatro horas depois de separar-se o embrião da clara do ovo. Tambem se percebem veyas, e arterias sobre as vesiculas do cerebro os rudimentos do tutano, que começa a extender-se ao longo das vertebras: vê-se em fim todo o corpo do feto como envolvido no licor' que o rodeya já com mais consistencia, que o resto.

No quarto dia já os olhos tem avançado muito, nelle se divisa muito bem a pupilla, o crystallino e o humor vitreo' vem-se, alem d'isto, na cabeça cinco bexiguinhas cheyas de humor, que unindo-se pouco a pouco nos dias seguintes, formarão finalmente o cerebro envolvido de todas as suas membranas: crescem as azas, e começão a apparecer as coxas, e o corpo a criar carne.

Os progressos do quinto dia consistem, alem do que se acaba de dizer, em que todo o corpo se cobre de huma carne unctuosa; que o coração está mettido dentro de huma membrana muito delicada, que se extende sobre a capacidade do peito, e se vem sahir do abdomen os canaes umbilicaes,

No sexto dia o tutanno do espinhaço, dividido em duas partes continua a extender-se ao longo do tronco; o figado, que era d'antes esbranquiçado, já está escuro; o coração bate nos seus dous ventriculos; o corpo já se acha coberto de pelle, e sobre ella se vem brotar as pennas.

No dia septimo se distingue facilmente o bico; o cerebro as azas, as coxas, e os pés tem adquirido a sua figura perfeita os dous ventriculos do coração parecem, como duas bolhas con-

tiguas, e unidas pela sua parte superior com o corpo das auriculas; notão-se dous movimentos successivos nos ventriculos, com o tambem nas auriculas; estes são como dous corações separados.

No fim do nono dia apparece o pulmão. No decimo acabão de formar-se os musculos das azas, e continuão a nascer as pennas. E hé só no undecimo, que se vem ajuntar as arterias, que d'antes estavão separadas do coração; é que este orgão se acha perfeitamente formado, e reunido em dous ventriculos.

O resto não hé mais, que hum desenvolvimento mayor das partes, que se executa athé que o pinto quebre a sua casca; o que succede ordinariamente aos vinte e hum dias, algumas vezes aos dezoito, outras, aos vinte e sette.

22.—Estancia 36, vers. 4.

Os que em estufas nascem cá na China, &c.

Mr. Smith no seu Gabinete do Joven Naturalista ensina hum methodo de fazer sahir os pintos sem incubação, mas em fornos; cá na China se tirão em estufas; no Egypto tiravão em fornos, cujo methodo explica largamente M. J. L. B. no Traité des Oiseaux de Basse-cour. Plinio no livro 10 da sua Historia Natural diz, que Julia Augusta [outros authores a chamão Livia)tirou hum pinto de hum ovo fomentado ora no seu seyo, ora no de sua aya. Mr. Smith já citado conta hum caso semelhante accontecido em 1706, em que huma jóven de Barre tirou hum perum, que

chegou a pezar sette libras; em fim conheço em Macao huma senhora, que em menina tirou da mesma maneira hum pinto, que morreo pouco depois de sahir da casca.

23.—Estancia 38, vers. 3.

Com açafrão da China, &c.

Fallo d'huma raiz chamada em Macao açafrão, e em Portugal gengivre de dourar.

24.—Estancia 50, vers. 1.

Este hé menor, &c.

Depois do meyado Junho.

25.—Estancia 59, vers. 3.

E do antipoda nosso pharetrado.

Fallo dos Indios do sertão da America, que usão de aljavas, e ornão a cabeça com plumas.

CANTO III.

26.—Estancia 11, vers. 3.

Varão douto na rustica doutrina.

Plinio no livro 10 da Historia Natural.

27.—Estancia 12, vers. 1.

Se o cysne, &c.

Virgilio não julgou, que lhe era indecoroso cantar no livro 1 das suas Geogicas.

Arida tantum
Ne saturare fimo pingui pudeat sola; neve
Effectus cinerem immundum jactare per agrós.

Que o nosso quinhentista Leonel da Costa traduzio assim:

Não te pejes
Fartar as terras seccas com esterco
Grosso; nem pelos campos já cançados
Deitar a cinza immunda.

28.—Estancia 17, vers. 3.

Desculpa-me outra vez subtil Marão.

O principe dos Poetas Latinos nas já citadas Georgicas tendo tratado dos prognosticos de chuvas, e ventos, não duvidou lançar mão da occasião para chorar a morte de Julio Cæsar empregando nesta digressão 51 versos athé o fim do 1 livro. Parece-me pois, que com mais razão posso empregar 36 em os males, que accompanhão a velhice dos homens, e ensinar o seu lenitivo.

29.—Estancia 28, vers. 2.

Mas, que cantar suave, e peregrino.

David no Psalmo 90, Consolatorio cantou:
Scapulis suis obumbrabit tibi; & sub pennis ejus sperabis.

30.—Estancia 28, vers. 1.

Agora, minha lyra, a voz levanta.

A Virgilio não obstou o conhecimento, que tinha, de que o estylo proprio das Eclogas hé o tenue, para elevar a voz na quarta Ècloga, que principía:

> Sicelides Musæ, paullò majora canamus,
> Non omnes arbusta juvant, humilesque myricæ,
> Si canimus silvas, silvæ sint consule dignæ.

Que o Sr. Lima-Leitão traduz assim:

> Por pouco, eya, a mór canto, ó Musas Siculas;
> A todos não agradão os arbustos,
> Nem tamargueira humilde; as selvas sejão
> Diguas de Consul, se cantamos selvas.

CANTO IV.

31.—Estancia 5, vers. 1.

E bem que ao poeta Stasimo censura,

O Poeta Horacio, judicioso mestre da Poesía, louvando a Homero, diz, que não faz como o auctor da Pequena Iliada,

attribuida a Stasimo, que cantou a guerra de Troya, principiando (o que elle vitupera) desd'o nascimento de Helena, que a ficção poetica affirmara ter nascido de hum dos dous ovos de Leda. Os versos de Horacio são os seguintes da sua Arte Poetica.

146. Nec reditum Diomedis ab interitu Meleagri,
Nec gemino bellum Troyanum oritur ab ovo.

Que o nosso Jeronimo Soares Barboza traduzio assim:

Nem lá da morte de Meleagro a vinda
Começa de Diomedis; nem ainda
Dos dous ovos de Leda vai buscar
Da Ilia guerra a origem singular.

32.—Estancia 7, vers. 1.

Microcosmos, &c.

Esta palavra deriva-se das palavras Gregas *Mícros*, que significa pequeno, e *cósmos*, mundo.

33.—Estancia 14, vers. 1.

Sorve-la, &c.

O prestimo das gallinhas, e das suas producções apprendi quasi unicamente de Dioscorides, medico Grego, e de Laguna: Dioscorides, segundo a mais commum opinião, vivia no primeiro seculo da Era Christãa; e Laguna, Medico Hespanhol, nasceo em Segovia no anno de 1499, e morreo em 1600.

29.—Estancia 22, vers. 2.

De que arte poderás fazer voar.

D. Phelippe Picinello diz no livro 4 do seu Mundo Symbolico: *Ovum rore plenum, quadam naturæ vi, a radiis solaribus in aera sublevatur.*

30.—Estancia 28, vers. 1.

Nagicio, &c.

Os factos, que canto neste episodio constante de 25 estancias são verdadeiros; para provar o estado do braço lacerado eu copiara aqui o auto da vestoría, se não receasse incorrer na nota de prolixidade: e para prova da cura posso apontar muitas testemunhas fide dignas, e entre outras o Sr: Bernardo Gomes de Lemos, que, como Juiz, presidio á vestoría, e o Sr. Domingos Pio Marques, que visitando-me no mesmo dia, presenceou em grande parte o que narro, e conheceo muitos annos o Cafre depois da cura. Zambeze hé o nome do rio, chamado tambem Cuama, que corre pelos dominios Portuguezes da Africa, onde está o estabelecimento de Sena d'onde era natural o Cafre Ignacio, que por anagramma chamo Nagicio. Se algum novo Aristarco taxar de prolixo este episodio, em resposta lhe peço já, que leya a Virgilio, que só para ensinar o fabuloso methodo de converter em abelhas as visceras podres de hum novilho, trazendo para isso a fabula do pastor Aristeo, emprega 278 versos do quarto li-

vro das Georgicas, qne forão traduzidos pelo Sr. Lima-Leitão em 309 endecasyllabos Portuguezes, que são mais, que o dobro dos do episodio de Nagicio.

Fim das Notas.